

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Veja Class.: 02

Data: 15/10/80 Pg.: 59



Seringal cultivado: o alinhamento facilita a exploração racional



Viveiro: o segredo da boa árvore

### Ambiente

## Plantando dá

*Seringais: saída econômica e ecológica para o Acre*

**F**inalmente recuperado do traumático ciclo econômico da borracha — que de 1891 ao começo do século gerou imensas fortunas e, a partir de 1912, quase levou a Amazônia à ruína —, o Brasil decidiu tornar racional o cultivo da seringueira. Há vinte dias, chegou ao Palácio do Planalto, batizado com o nome de “João Figueiredo”, o primeiro quilo de borracha secretado pelo seringal “Pucalpa”, nas margens do alto Juruá, no Acre, o primeiro na Amazônia a produzi-la com árvores cultivadas. O governo espera que este e os demais 139 projetos por ele apoiados na região devolvam à Amazônia pelo menos parte dos antigos momentos de riqueza. Na semana passada, a Sudhevea (a superintendência da borracha) anunciou que no período 1981/85 o país terá 620 000 hectares de seringueiras plantadas, o que poderá render exportações estimadas em torno de fantásticos 1 bilhão de dólares anuais. É o moderno capitalismo rasgando a mata e cortando a casca grossa e anacrônica que até agora cobria a exploração extrativista e antieconômica das seringueiras nativas perdidas na selva — equívoco que fez o Brasil despençar da posição de primeiro e quase absoluto produtor mundial de látex para a atual condição de país que necessita importar 70% da borracha que consome, comprada sobretudo da Malásia, que abocanha

45% do mercado internacional. Enquanto o Brasil repousa sobre suas esgotadas seringueiras nativas, a Malásia sustenta 7 de seus 12 milhões de habitantes com seringais cultivados.

A partir deste ano, porém, o Brasil passa a sugar o resultado da bem-sucedida experiência malasiana. Não se trata de uma iniciativa inédita. Em 1927, o milionário Henry Ford obteve

uma concessão de 1,2 milhão de hectares nas margens do Tapajós, à qual se deu o nome de Fordlândia, para tentar a cultura da borracha em larga escala. Seringueiras pouco produtivas e pouco resistentes às pragas, aliadas à expansão da indústria da borracha sintética, fizeram o projeto malograr. Mas, agora, as circunstâncias são favoráveis. A crise do petróleo detonada em 1973 e o aprimoramento da técnica agrônômica tornaram o negócio vantajoso. A evolução do preço médio do quilo da borracha natural pago aos produtores mostra isso: de 4 cruzeiros em 1973 saltou para 17 cruzeiros



A miniusina da Malásia e, acima, “Izique” com a borracha prensada

VIOE VERSO

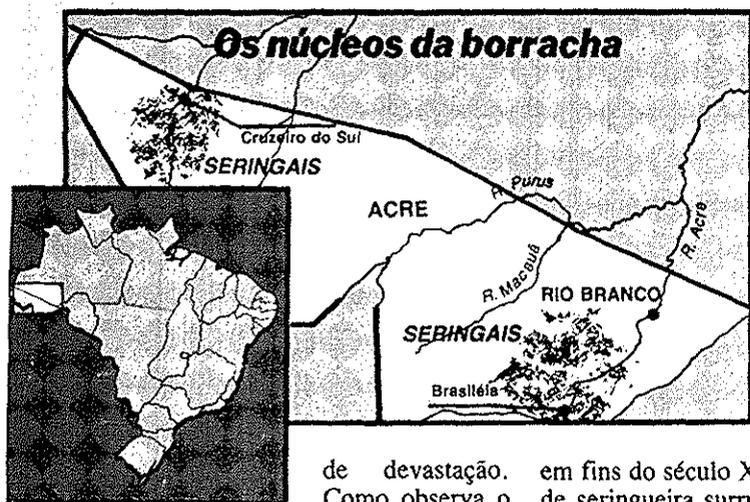
em 1977; 26 em 1978, 45 em 1979 e, este ano, os seringalistas do Acre já recebem 100 cruzeiros por quilo de "pe-la" — a bola de borracha natural formada pela desidratadora exposição do látex à fumaça.

**VANTAGEM ECOLÓGICA** — As mudas de seringueira são desenvolvidas em viveiro e depois plantadas na mata, em fileiras, a cerca de 3 metros de distância umas das outras. O terreno deve estar limpo de ervas, mas não há necessidade

ca", casa destinada a sua moradia e à defumação do látex. A defumação, feita com a queima de folhas, também castiga o seringueiro: ironicamente, no chamado "pulmão do mundo", ele acaba com os seus próprios pulmões envenenados, a respiração dificultada e, ao cabo de vinte anos, ainda lhe sobrevém a cegueira.

A racionalização do cultivo da seringueira, contudo, deverá solucionar gradativamente mais este problema, graças à adoção de uma miniusina de processamento do látex. O seringal "Pucalpa"

e outros três da região já dispõem desse equipamento. O sistema é simples: um par de cilindros, semelhantes aos usados na fabricação de macarrão, espreme o látex coagulado, retirando-lhe o excesso de água. A aparição da miniusina no Brasil representa uma tardia vingança contra a Malásia, que



de devastação. Como observa o engenheiro agrô-

nome Jacob Ronaldo Kuffner, gerente de projeto da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), com sede em Rio Branco, o seringal cultivado apresenta vantagens sobre a criação de gado, em termos de proteção ecológica. "O boi exige que se derrube a mata para a implantação de pastagens, enquanto a seringueira continua a ser uma árvore amazônica, só que plantada de modo a render racionalmente", explica Kuffner. "Desta maneira, o solo produz mais e continua protegido." Há também vantagens operacionais: para tirar 100 toneladas de látex das dispersas árvores nativas, são necessários 300 homens durante um ano; para obter a mesma quantidade de alinhadas seringueiras cultivadas, não é preciso mais de trinta homens.

Os acreanos ainda presos à exploração do seringal nativo penam uma vida tão dura quanto no início do século. Com um rifle às costas para a proteção contra animais, o seringueiro peregrina por "estradas", picadas na selva que lhe permitem fazer incisões e fixar tigelinhas nos troncos de seringueiras distantes 800 metros umas das outras. Ao fim da tarefa, ele volta ao ponto inicial de uma dessas estradas, onde está a "barra-

em fins do século XIX recebeu sementes de seringueira sarrupiadadas da Amazônia pelo inglês Henry Wickham. O herói vingador foi o engenheiro florestal José Cezário Menezes de Barros, superintendente da Sudhevea, que em 1979 trouxe uma delas da Malásia e mandou copiá-la. O seringueiro, protegido pelas portas e janelas da miniusina, fica livre do suplício da fumaça.

Talvez não seja necessária muita conversa para convencer os produtores das vantagens do cultivo da seringueira. Como diz Manoel Bezerra Correia, o "Izique", proprietário do seringal "Pucalpa", "a borracha não é a salvação da lavoura, é a salvação econômica e ecológica da Amazônia". ●